

GUERRA

GUERRA

SEBASTIAN JUNGER

TRADUÇÃO DE BERILO VARGAS
REVISÃO TÉCNICA DE JOUBERT BRÍZIDA



Copyright © 2010 Sebastian Junger

TÍTULO ORIGINAL

War

PREPARAÇÃO

Angela Vasconcellos

REVISÃO

Rodrigo Rosa de Azevedo

Fatima Amendoeira Maciel

DIAGRAMAÇÃO

Editoriarte

ADAPTAÇÃO DE PROJETO DE CAPA

Julio Moreira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J92g

Junger, Sebastian

Guerra / Junger, Sebastian ; tradução de Berilo
Vargas. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2011.

272p.: 23 cm

Tradução de: War

ISBN 978-85-8057-056-4

1. Estados Unidos. Army. Airborne Brigade,
173rd. – História. 2. Guerra Afegã, 2001 – Campanhas –
Afeganistão. I. Título.

11-2063.

CDD: 958.1

CDU: 94(581)

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para minha esposa, Daniela

SUMÁRIO

LIVRO 1: MEDO
13

LIVRO 2: MATANÇA
89

LIVRO 3: AMOR
181

VALE DO KORENGAL



NOTA DO AUTOR

ESTE LIVRO É RESULTADO DE CINCO VIAGENS QUE FIZ AO VALE DO KORENGAL, NO Afeganistão oriental, entre junho de 2007 e junho de 2008, para a revista *Vanity Fair*. Viajei como repórter “encaixado” e inteiramente dependente das Forças Armadas dos Estados Unidos no que dizia respeito a alimentação, abrigo, segurança e transporte. Dito isso, é preciso acrescentar que nunca me pediram, direta ou indiretamente, que eu fizesse qualquer alteração em meus relatos, nem que mostrasse a alguém o conteúdo do meu laptop ou câmeras. Trabalhei em parceria com um repórter fotográfico chamado Tim Hetherington,* que também fez cinco viagens ao Korengal, algumas comigo, outras sozinho. Nossas viagens mais longas duraram um mês. Tim e eu gravamos, mais ou menos, 150 horas de vídeo, e esse material foi levado ao ar, em versão editada,

* Tim Hetherington, codiretor do documentário *Restrepo*, morreu no dia 20/04/2011 numa explosão em Misrata, Líbia, quando registrava os combates entre forças de Muammar Kadafi e opositores.

pela ABC News, e depois serviu de base para um documentário de longa-metragem produzido e dirigido por nós dois, intitulado *Restrepo*.

Muitas passagens deste livro foram capturadas em vídeo, e, sempre que possível, recorri às gravações para me certificar da exatidão da narrativa. Os diálogos e declarações que aparecem entre aspas duplas (“...”) foram registrados diretamente pela câmera, ou em meu laptop enquanto a pessoa falava, ou, às vezes, logo depois. Os diálogos reproduzidos posteriormente, de memória, são indicados por aspas simples (‘...’). Alguns momentos em que não estive presente foram inteiramente reconstruídos a partir de entrevistas e vídeos. Muitos episódios deste livro são de natureza pessoal, e mostrei-os aos homens que deles participaram, para ter certeza de que não se incomodariam quando vissem publicado o que escrevi. Contratei um profissional independente para checar os fatos e me ajudar a corrigir os erros inevitáveis do jornalismo, e, na parte final do livro, há uma bibliografia das fontes consultadas. Em muitos casos, abreviei as citações de entrevistas e os textos para facilitar a leitura.

L I V R O 1

MEDO

“Quando falo em covardia não me refiro ao medo. Covardia... é um rótulo que reservamos para certas coisas que um homem faz. O que se passa em sua cabeça é assunto seu.”

Lord Moran, *The Anatomy of Courage*

CIDADE DE NOVA YORK

Seis meses depois

O'Byrne está parado na esquina da Nona Avenida com a Rua 36, um copo de plástico em cada mão e o capuz do casaco de moletom puxado sobre a cabeça. São 6 horas e faz muito frio. Ele engordou dez quilos desde a última vez que o vi e pode muito bem ser confundido com um operário da construção civil à espera da abertura do portão da obra no outro lado da rua. Agora que deixou o Exército, devo chamá-lo de Brendan, mas isso é quase impossível para mim. Cumprimentamo-nos com um aperto de mãos, ele me dá um dos copos de café, e saímos andando para pegar meu carro. O corte na testa dele está quase cicatrizado, embora as marcas dos pontos continuem visíveis. Um dos dentes da frente está lascado e lembra uma presa. Ele passou maus momentos ao voltar para a Itália; de certo modo, correu mais perigo lá que durante os combates.

O'Byrne serviu na Companhia Battle, a Companhia B, no vale do Korengal, uma passagem estreita, mas extraordinariamente violenta, no sopé das montanhas do Hindu Kush no leste do Afeganistão. Era apenas um soldado num grupo de trinta, mas parecia ter avidez para pôr em palavras coisas sobre as quais ninguém queria falar. Passei a ver em O'Byrne um representante de todo o pelotão, uma maneira de entender um grupo de homens que,

GUERRA

em minha opinião, não compreendiam inteiramente a si próprios. Num vale mais ao norte, dois pelotões da Companhia Chosen sofreram cerca de 80% de baixas ao serem desdobrados para o combate. A Companhia Battle não sofreu tanto, mas sofreu bastante. Nesta manhã tenho uma entrevista com Justin Kalenits, um dos feridos da Chosen, e O'Byrne perguntou se podia ir comigo. O dia está frio e ensolarado, com pouco trânsito e um vento norte que sacode o carro nos campos abertos e nas pontes. Seguimos em boa velocidade para o sul, pelas zonas industriais feias e sujas de Nova Jersey e Pensilvânia, falando sobre o militarismo e o pelotão, e sobre a estranheza — de certa forma, para nós dois — de estarmos nos Estados Unidos definitivamente. Passei um ano com o pelotão de O'Byrne no Korengal, mas tudo ficou para trás, e nenhum de nós dois jamais voltará a viver aquilo. Entretanto, ambos sonhamos com ele à noite, sequências de combate bizarras, duras e ilógicas que nem sempre acabam mal, mas que ainda se encontram imersas em terror.

Kalenits foi baleado na bacia durante o combate que ficou conhecido como Emboscada de Bella. Bella era uma das bases de apoio de fogos operadas pela Companhia Chosen no vale de Waygal. No começo de novembro, 14 soldados da Chosen, 12 soldados afegãos, um fuzileiro naval e um intérprete afegão foram até a aldeia vizinha de Aranas, reuniram-se com os anciãos e deram início à caminhada de volta. Era uma armadilha. O inimigo tinha organizado posições protegidas com sacos de areia num círculo de 360° em volta de um ponto da trilha onde não havia coberturas ou abrigos, e a única saída era saltar de um penhasco. Quase por milagre, a Chosen repeliu o ataque. Seis americanos e oito afegãos morreram, e todos os outros foram feridos. Desde a guerra do Vietnã, nenhuma patrulha americana tinha sofrido 100 por cento de baixas num entrevero.

Viramos na direção do Centro Médico do Exército Walter Reed e estacionamos na frente do Abrams Hall, onde Kalenits mora. Nós o encontramos em seu quarto, fumando e vendo TV no escuro. As persianas estão abaixadas e a fumaça do cigarro revolve-se nas réstias de luz. Pergunto a Kalenits em que momento se deu conta de que caíra numa emboscada, e ele diz que foi quando o capacete voou de sua cabeça, arrancado por uma bala. Quase imediatamente, ele foi atingido três vezes no peito, duas nas costas e viu seu melhor amigo

M E D O

receber um projétil direto na testa que lhe arrancou a parte de trás da cabeça. Kalenits diz que quando viu isso “ficou apavorado”.

Tantos clarões saíam dos canos de armas de fogo no seu entorno que parecia que os morros estavam enfeitados de luzes de Natal. Os tiros que atingiram Kalenits foram amortecidos pelas placas protetoras do colete, mas um deles acabou penetrando na nádega esquerda. A bala esmigalhou sua bacia, rasgou os intestinos e saiu pela coxa. Kalenits tinha certeza de que o projétil arrebetara uma artéria, e deu a si mesmo três minutos de vida. Avistou um grupo de metralhadores inimigos entrando em posição com suas armas automáticas num morro próximo e disparou em sua direção. Viu os homens tombarem. Gastou toda a munição que tinha, menos um carregador, que guardou para quando o inimigo viesse a pé finalizar o serviço.

Kalenits sentiu que ia desmaiar por causa da perda de sangue, entregou a arma a outro homem e sentou-se. Viu um amigo chamado Albert levar um tiro no joelho e começar a rolar penhasco abaixo. O líder da equipe de Kalenits o agarrou e tentou puxá-lo de volta, mas os dois estavam sob tiroteio tão intenso que iam acabar morrendo. Albert gritou para que seu líder o soltasse, ele obedeceu, e Albert deslizou até certo ponto, perdendo a arma e o capacete no caminho. Finalmente parou de escorregar, levou mais três tiros, e ali ficou.

Granadas de RPGs [rocket-propelled grenade] explodiam por toda parte, e a poeira levantada era tanta que emperrava as armas. Homens cuspiam nos ferrolhos das armas, tentando limpá-los. Durante uma hora Kalenits perdeu e recuperou a consciência, e o tiroteio prosseguiu como uma névoa ensurdecedora e interminável. Mas afinal escureceu, o helicóptero de evacuação aeromédica chegou e começou a içar os feridos e os mortos. Havia um morto numa árvore abaixo da trilha e outros ao pé do penhasco. Um dos corpos caiu dos tirantes Skedco enquanto era içado para o helicóptero, e uma força de reação rápida que viera da Companhia Battle passou a maior parte da noite procurando o cadáver.

A última coisa de que Kalenits se lembrou foi das agulhadas dos médicos na base de Asadabad; depois, quando recobrou a consciência, estava na Alemanha. Ao retornar para casa, sua mãe recebera uma mensagem para que entrasse imediatamente em contato com as Forças Armadas, e, ao fazê-lo, foi

GUERRA

informada de que seria melhor pegar um avião para a Alemanha o mais depressa possível, se quisesse ver o filho com vida. Ele ainda estava vivo quando a mãe chegou, e, com o tempo, restabeleceu-se o suficiente para voltar aos Estados Unidos.

O'Byrne ficara calado a maior parte da entrevista. "Alguém levantou o assunto dos deslocamentos à noite?" disse, finalmente. "Ao sair de lá, alguém tocou nesse assunto?"

Eu sabia a razão da pergunta: uma vez o 2º Pelotão saiu de uma posição no alto do morro durante o dia e foi duramente atacado perto da cidade de Aliabad. Um soldado armado de fuzil chamado Steiner levou um tiro no capacete, e ainda assim sobreviveu.

"Não. O tenente disse 'Vamos sair agora'", responde Kalenits. "O que você poderia dizer?"

"Vá se foder?", sugere O'Byrne.

Kalenits sorri, mas ninguém quer pensar mais nisso.

1



VALE DO KORENGAL, AFGANISTÃO

Primavera de 2007

O'BYRNE E OS HOMENS DA COMPANHIA BATTLE CHEGARAM NA ÚLTIMA SEMANA de maio, quando os rios correm em níveis bem elevados e os picos mais altos ainda estão com neve. Helicópteros Chinook, escoltados por helicópteros Apache, circularam próximo a um grande e escuro monte chamado Abas Ghar e metralharam pesadamente o vale, aterrissando entre nuvens de poeira na minúscula zona de pouso. Os homens agarraram o equipamento, saltaram em fila dos aparelhos e foram quase imediatamente atacados por rojões de morteiros. Os inimigos, que sabiam da chegada de uma nova unidade ao vale, davam boas-vindas à sua maneira; 14 meses depois, dariam adeus do mesmo modo. Os homens buscaram proteção nas oficinas de manutenção, depois puseram o equipamento nos ombros e subiram o morro para suas barracas no topo da base. Era uma subida de apenas cem metros, mas quase todos ficaram chamuscados. Em volta, as montanhas se espalhavam em todas as direções. Os homens sabiam que antes do fim do ano provavelmente teriam de caminhar por todos os lugares que a vista alcançava.

A base chamava-se Posto Avançado Korengal — KOP [Korengal Outpost] — e era considerada uma das posições mais perigosas do Afeganistão.

GUERRA

Tratava-se de uma deprimente reunião de abrigos, arame farpado e barracões de madeira que se estendia por centenas de metros de encosta íngreme na direção de um arvoredo de azevinhos retalhados por tiros. Havia um quartel-general feito de madeira compensada, algumas construções de tijolo e barro para os homens dormirem e pequenos bunkers cercados com sacos de areia para a proteção contra os ataques de morteiro. Os homens faziam uma refeição quente por dia, sob uma barraca verde-oliva, e tomavam banho de chuveiro uma vez por semana, com água bombeada de um riacho próximo. Aqui e ali havia canos de PVC inclinados no terreno, para os homens urinarem. Na ausência de mulheres, a privacidade era dispensável. Para lá da barraca do serviço de saúde e do tanque de água havia quatro baias de tijolo voltadas para as espetaculares montanhas ao norte. Eram conhecidas como latrinas incineradoras, pois debaixo de cada uma havia um tambor de metal que serventes afegãos recolhiam uma vez por dia a fim de queimar o conteúdo com óleo diesel. Num ponto mais alto da encosta havia um abrigo do Exército Nacional Afegão, e depois uma trilha que subia até o Posto Avançado 1, 30 metros acima do KOP. A subida era tão íngreme que a unidade anterior havia instalado cordas fixas nos piores trechos. Os americanos conseguiam subir em 45 minutos, com pouco peso, os afegãos, na metade desse tempo.

Dias depois de chegar, o pelotão de O'Byrne participou de uma patrulha com homens da 10ª Divisão de Montanha, que seriam os substituídos no vale. A 10ª de Montanha começara a executar o rodízio para os Estados Unidos meses antes, mas os comandantes do Exército mudaram de ideia e decidiram ampliar seu tempo de serviço. Homens que haviam voltado para casa depois de um ano de combate foram postos em aviões e levados de volta à guerra. O moral despencou, e, ao chegarem, os soldados da Companhia Battle ouviram casos de antecessores que pularam de pedras para quebrar as pernas ou simplesmente se recusaram a sair da área delimitada pelo arame farpado. As histórias não eram completamente verdadeiras, mas o vale do Korengal começava a adquirir reputação de um lugar que alterava a cabeça das pessoas de um jeito estranho e irreversível.

Por mais desarrumada que estivesse a 10ª de Montanha, o fato é que seus homens já escalavam as encostas do vale havia mais de um ano, e definitivamente

M E D O

te estavam em boa forma. Na primeira patrulha conjunta, eles, de início, conduziram o 2º Pelotão ladeira abaixo até o rio Korengal e depois subiram até uma formação granítica chamada Table Rock. A 10ª de Montanha tentava deliberadamente aclimatar os recém-chegados — fazer os novatos caírem de cansaço —, e na metade do caminho para a Table Rock a estratégia começou a dar resultado. Um atirador de metralhadora M240 chamado Vandenbergue começou a protestar, e O’Byrne, que fazia parte da mesma guarnição de metralhadores, trocou sua arma pela dele e pendurou a M240 no ombro, uma arma coletiva alimentada por cinta com cartuchos de 7,62 mm que pesa mais de 13 quilos; foi como carregar uma britadeira montanha acima. O’Byrne e os outros homens levavam nas costas mais 20 quilos de equipamento e munição, além dos 10 quilos do colete à prova de bala. Quase ninguém no pelotão carregava menos de 35 quilos.

Os homens lutavam para subir, facilmente visíveis das posições dos talibãs do outro lado do vale, e finalmente começaram a ser alvejados na metade do caminho para o pico. O’Byrne nunca estivera sob fogo antes, e a primeira coisa que fez foi levantar-se para olhar em volta. Alguém gritou para que se protegesse. Só havia uma pedra atrás dele, e Vandenbergue refugiara-se nela. O’Byrne ficou atrás dele.

‘Porra, não acredito que acabaram de *atirar* em mim!’, berrou.

Vandenbergue era um homem louro, imenso, de fala lenta e muito, muito esperto. ‘Bem’, disse ele, ‘não sei se atiravam em *você*...’

‘Está bem’, disse O’Byrne, ‘atiravam em *nós*...’

Soldados inexperientes são conhecidos como “cerejas”, e levantar-se no meio de um tiroteio é o comportamento mais cereja que se pode imaginar. Assim como o seguinte: na primeira noite no KOP, O’Byrne ouviu gritos estranhos na mata e imaginou que a base ia ser atacada. Agarrou sua arma e ficou à espera. Nada aconteceu. Ele descobriu depois que eram apenas macacos que vinham até a cerca gritar para os americanos. Parecia que todos os seres vivos do vale, até os animais, queriam vê-los pelas costas.

O’Byrne foi criado no interior da Pensilvânia, numa propriedade rural pela qual passava um córrego e que tinha dezenas de hectares de mata

GUERRA

onde ele brincava de guerra com os amigos. Num dia cavaram um abrigo, noutra vez esticaram uma corda entre as árvores para deslizar. A maior parte dos amigos acabaria ingressando no Exército. Depois que O'Byrne fez 14 anos, ele e o pai passaram a brigar demais, e O'Byrne logo teve problemas na escola. Suas notas despencaram, e ele começou a beber e a fumar maconha, e acabou sendo preso. O pai, um bombeiro hidráulico, nunca deixara faltar nada, mas o clima em casa era tremendamente confuso — muita bebedeira, muita luta corporal. Uma noite a coisa fugiu de controle, e o pai de O'Byrne atirou nele duas vezes com uma espingarda .22. No leito do hospital, O'Byrne contou à polícia que o pai tinha atirado em legítima defesa; com isso, foi mandado para um reformatório por agressão, e o pai se livrou de ir para a cadeia por tentativa de homicídio. O'Byrne tinha 16 anos.

Um professor de marcenaria chamado George começou a dar-lhe conselhos, e O'Byrne passava horas na oficina de George entalhando madeira e conversando. George mudou a vida dele. O'Byrne começou a jogar futebol. Interessou-se pelo budismo. Voltou a tirar boas notas. Oito meses depois, foi morar com os avós e retomou os estudos no ensino médio. “Minha vida mudou totalmente”, disse O'Byrne. “Pedi desculpas a todos os professores que eu tinha desrespeitado e aos colegas em quem costumava bater. Desculpei-me com todo mundo e jurei a mim mesmo que nunca mais agiria daquela maneira. Quando voltei para casa, nem me reconheceram.”

Uma tarde, apareceu na escola de O'Byrne um recrutador da Guarda Nacional, e ele se alistou. A unidade partiria em breve para o Iraque, e O'Byrne se deu conta de que ia passar um ano com um bando de homens de meia-idade, de modo que conseguiu transferência para o Exército regular. O US Army quis fazer dele um especialista da QMP* 67H — mecânico de carros de combate —, mas ele protestou, e acabou designado para a QMP 11C: morteiros. Mas também não queria lidar com morteiros — desejava ser infante, da QMP 11B. O sargento instrutor cedeu no final à vontade de O'Byrne quando ele se meteu numa briga no quartel com um

* QMP: Qualificação Militar Particular. (*N. do R.T.*)

M E D O

desafeto do sargento e quebrou o maxilar do cara. O sargento era de origem latina e falava inglês com sotaque tão carregado que muitas vezes os homens não tinham a menor ideia do que dizia. Uma tarde, quando preenchiam formulários de informações, o sargento começou a dar umas instruções que ninguém entendeu.

“Foi mais ou menos assim: ‘Peguem a porra do seu pacote e botem ele dentro da porra do seu pacote’”, disse O’Byrne. “E todos ficamos confusos. Que merda ele está dizendo? O que é ‘porra do seu pacote’? Aí ele começou a apontar para as coisas sobre as quais falava: ‘Peguem a porra do seu pacote’ — e mostrou as folhas dos formulários [*packet*] — ‘e botem ele dentro da porra do seu pacote’ — e apontou para o bolso [*pocket*]. Ah, tudo bem! Ponham o pacote de folhas no bolso!”

O’Byrne queria servir nas Forças Especiais, e para isso precisava passar por uma série de escolas de nível básico e de cursos de seleção. A Escola Aerotransportada foi uma brincadeira; ele passou no SOPC 1, Special Operations Preparation Course [Curso Preparatório de Operações Especiais], com ótimas notas; foi escolhido para as Forças Especiais; aprovado no SOPC 2; até ser informado de que só poderia progredir mais se tivesse experiência de combate. ‘Não se pode substituir o combate pela instrução’, disse-lhe um negro E7* em Fort Bragg. ‘Não se faz isso. Nada substitui a porra da experiência. Vá à luta, e, se quiser, volte depois.’

O’Byrne achou que aquilo fazia sentido e requereu o ingresso na 173ª Brigada Aeroterrestre, sediada em Vicenza, na Itália. Nunca tinha saído do país. Acabou no 2º Pelotão da Companhia Battle (B), já então considerada uma das principais subunidades da brigada. A Companhia Battle saiu-se bem no Iraque e combatera muito no Afeganistão, em seu engajamento anterior. Havia quatro pelotões na companhia, o 2º Pelotão era considerado o mais bem-treinado de todos e, em certo sentido, também o mais indisciplinado. Tinha reputação de produzir terríveis soldados de guarnição — homens que bebiam, brigavam e costumavam ser presos por provocar desordem e muita confusão —, mas que eram extraordinariamente bons na guerra.

* E7: Sargento de Primeira Classe no US Army. (N. do R.T.)

GUERRA

Os soldados fazem distinção entre as tarefas rotineiras — associadas a algo autoritário da vida de guarnição — e as durezas muito concretas do combate, e os insubordinados soldados de guarnição gostam de pensar que é impossível ser bom nas duas situações.

“Eu costumava fazer 300 pontos em meus testes de aptidão física mesmo bêbado... bêbado de cair”, disse O’Byrne. “É assim que se fica sóbrio o resto do dia. Nunca me meti em confusão, mas Bobby surrou alguns soldados da Polícia Militar, ameaçando-os com um extintor de incêndio e urinando em suas botas. Mas o que se pode esperar da infantaria, não é? Só sei que todos os sujeitos que eram péssimos na guarnição eram soldados perfeitos em combate. São encenqueiros e gostam de brigar. É uma característica ruim na guarnição, mas boa no combate, não? Sei que sou um merda de um soldado de guarnição, mas que importância tem isso? Tudo bem, preciso lustrar as porras dos meus coturnos. Por que tenho de me preocupar com meus coturnos de merda?”

No fim de semana antes de seguir para o Afeganistão, O’Byrne e três outros soldados pegaram o trem para Roma a fim de fazerem uma última farra. Beberam tanto que acabaram com o estoque do vagão-restaurante. Viajavam com O’Byrne dois recrutas, Steve Kim e Misha Pemble-Belkin, e um paramédico combatente chamado Juan Restrepo. Restrepo nasceu na Colômbia, mas vivia na Flórida e deixara em casa a mulher e duas filhas. Ceceava um pouco, escovava os dentes compulsivamente e tocava clássicos e música flamenca ao violão durante os churrascos que os homens organizavam na base. Na guarnição, certa vez ele apareceu de manhã, ainda bêbado da noite anterior, para um teste de aptidão física, mas mesmo assim foi capaz de correr 3,2 quilômetros em 12,5 minutos, e fazer 100 abdominais. Se havia um jeito seguro de impressionar o 2º Pelotão, o jeito era aquele.

No trem, Restrepo tirou uma pequena câmera e começou a fazer um vídeo da viagem. Os homens mal conseguiam falar de tão bêbados. Kim apoiava-se contra a janela. Pemble tentou dizer qualquer coisa a respeito de selar uma miniatura de zebra e sair cavalgando. O’Byrne disse que sua missão em Roma era apenas evitar que Restrepo se metesse em encrencas.

“Impossível, mano”, disse Restrepo. “Não vai conseguir domar a besta.”

M E D O

Os maravilhosos campos italianos deslizavam através da janela do trem.

“Amamos a vida e estamos nos preparando para a guerra”, disse Restrepo, com o braço em torno do pescoço de O’Byrne. Seu rosto estava tão perto da câmera que o efeito foi quase o de uma objetiva olho de peixe. “Vamos para a guerra. Estamos prontos. Vamos para a guerra... vamos para a guerra.”

O vale do Korengal é uma espécie de Afeganistão do Afeganistão: remoto demais para ser conquistado, pobre demais para intimidar, autônomo demais para ser subornado. Os soviéticos jamais conseguiram ir além da entrada do vale, e os talibãs não ousaram nem entrar. Quando a 10ª Divisão de Montanha penetrou no vale em 2006, talvez tenha sido a primeira força militar a atingir a extremidade meridional. Com apenas um dia lá dentro, o avanço deu à 10ª de Montanha tempo para terminar de construir o KOP no local de um velho depósito de madeiras, 4,5 quilômetros adentro. O depósito não funcionava, já que o governo afegão proibira a exportação de madeira, em boa parte porque a venda do produto ajudava a financiar a sublevação. Sem emprego, os cortadores de madeira trocaram motosserras por armas e atiraram nos americanos a partir de bunkers construídos com os imensos toros de cedro que já não podiam vender.

Foram ajudados por combatentes árabes e paquistaneses que cruzaram a fronteira na província de Bajaur, e por milicianos locais conduzidos por um veterano do jihad contra os soviéticos chamado Gulbuddin Hekmatyar. Um vídeo produzido por insurgentes durante um ataque mostra minúsculas figuras — soldados americanos — correndo em alta velocidade para se proteger e tentando atirar de volta por trás de barricadas de sacos de areia arrebatados. O KOP é circundado por terreno elevado, e, para lançar um ataque, tudo que os combatentes locais precisavam fazer era subir rastejando pelo lado de trás das montanhas e despejar fogo de metralhadora na base. É o chamado “fogo vindo de cima”, e é difícil eliminá-lo ou se proteger dele. O único jeito de resolver o problema foi ocupar o terreno elevado com pequenos postos avançados, mas, por sua vez, essas po-

GUERRA

sições também se tornavam vulneráveis a ataques. O plano de batalha para o vale tornou-se um jogo tático de pular carniça que levou os americanos à aldeia de Babiya na primavera de 2007.

Babiya ficava cerca de 800 metros ao sul do KOP e tinha ligação com os insurgentes, embora não fosse abertamente hostil. Soldados americanos da 10ª Divisão de Montanha alugaram um conjunto residencial pertencente a um professor e o reforçaram com enormes toros de cedro que os moradores locais tinham cortado das encostas altas do vale. A posição recebeu o nome de Phoenix, em homenagem à cidade do Arizona, e tinha seu correspondente na base de apoio de fogos de Vegas, do outro lado do vale. Infelizmente, bastava virar a cabeça para cima, na direção da Table Rock, para entender as dificuldades táticas da Phoenix. Os rebeldes podiam bombardeá-la de lá e correr pelo lado de trás da cadeia de montanhas quando os americanos comesçassem a revidar o fogo. Um americano foi morto por granada de canhão sem recuo de 88 mm, que silvou pela estreita abertura de seu abrigo e detonou; outro morreu quando corria para uma posição de metralhadora durante um ataque. Um soldado do KOP foi atingido enquanto estava junto a um cano de urinar. O operário americano de uma empreiteira foi alvejado e ferido quando cochilava em seu beliche. Outro soldado tropeçou e afogou-se ao atravessar a pé o rio Korengal com sua pesada roupa à prova de bala.

Numa breve cerimônia no KOP, em 5 de junho, o capitão Jim McKnight, da 10ª Divisão de Montanha, arriou o pavilhão de sua subunidade, entrou num Chinook e saiu do vale voando para nunca mais voltar. O pavilhão da Companhia Battle foi imediatamente içado em seu lugar. Presente ao evento estava um homem moreno e vistoso de origem samoana chamado Isaia Vimoto: era o sargento-maior da 173ª Brigada, o graduado de mais alta patente da grande unidade. Timothy, de 19 anos, filho de Vimoto, era soldado de primeira classe do 2º Pelotão. Depois da cerimônia, Vimoto perguntou ao primeiro-sargento LaMonta Caldwell da Companhia Battle onde estava seu filho. Caldwell levou Vimoto até a cerca de arame farpado e apontou para o fundo do vale lá embaixo.

‘Está lá na Phoenix’, disse ele.

M E D O

Vimoto tinha solicitado que o filho servisse na Companhia Battle porque ele e Caldwell eram bons amigos.

‘Diga-lhe que mandei um alô’, pediu a Caldwell, antes de deixar o KOP. ‘Diga-lhe que estive aqui.’

Tinha havido um contato no começo do dia, e o 2º Pelotão localizou o que parecia ser uma posição inimiga no alto da Elevação 1705. Um grupo de 25 homens, inclusive dois soldados afegãos e um intérprete, saiu da área cercada em Phoenix, ao anoitecer, e iniciou um deslocamento a pé para o sul. Andavam em terreno aberto pela estrada e partiram quando ainda havia claridade, duas coisas que nunca mais voltariam a fazer — pelo menos não ao mesmo tempo. Passaram pelas aldeias de Aliabad e Loy Kallay, e depois atravessaram uma ponte sobre o afluente ocidental do Korengal. Começaram a subir pela íngreme floresta de azevinhos da Elevação 1705, chegaram ao topo e iniciaram a descida pelo outro lado.

O inimigo esperava por eles e abriu fogo de uma distância de 300 metros com metralhadoras e RPGs. Um soldado chamado Tad Donoho jogou-se no chão e, quando se arrastava em busca de proteção, viu uma linha de marcas de bala rasgando o chão em sua direção. Rolou para o lado e parou perto do soldado de primeira classe Vimoto. Os dois começaram a responder ao fogo. As balas espalhavam terra em torno deles, até que, em dado momento, Donoho viu Vimoto abrir a boca como se fosse gritar alguma coisa. Mas não saiu som algum; em vez disso, a cabeça caiu para trás depois pendeu para a frente. Ele não se mexeu mais.

Donoho começou a berrar pelo paramédico do pelotão; mas, no tiroteio intenso, ninguém o ouvia. De qualquer forma, não faria diferença; a bala atravessara a cabeça de Vimoto, que teve morte instantânea. Num momento ele participava do primeiro combate de sua vida, no minuto seguinte estava morto. Donoho disparou os 12 pentes que carregava consigo e pegou mais munição que o amigo morto transportava. O tiroteio era tão intenso que só restava aos homens rastejar para não serem atingidos. Achavam-se numa montanha íngreme à noite, varridos por fogo de metralhadora, sabendo que os helicópteros da evacuação aeromédica não ousariam tentar uma aterrissagem naquelas condições: teriam de descer com Vimoto e outro homem

GUERRA

chamado Pecsek até a estrada, a fim de serem dali transportados. Pecsek fora baleado no ombro, mas parecia em condições de andar. Um segundo-sargento chamado Kevin Rice jogou Vimoto nas costas, e os homens iniciaram a descida das íngremes e pedregosas encostas da Elevação 1705 sob escuridão e chuva.

O capitão Dan Kearney, comandante da Companhia Battle, dirigiu um Humvee até Aliabad para ajudar na evacuação das baixas, e se lembra de ter feito uma curva na estrada e deparado com uma muralha de fogo talibã. “Fiquei pasmo com a capacidade de os rebeldes continuarem combatendo apesar de tudo que os americanos despejavam em cima deles”, disse-me Kearney depois. “Desde então passei a saber que: número um, aquele era um inimigo diferente do que eu combatera no Iraque; e número dois, o terreno oferecia um tipo de vantagem que eu nunca tinha visto, lido ou ouvido falar em toda minha vida.”

Quando a Companhia Battle chegou ao Korengal, O’Byrne era um metralhador da Seção de Petrechos do 2º Pelotão. Uma seção é, em geral, constituída por oito homens, mais o chefe, e esses oito homens são divididos em duas equipes de tiro chamadas “alfa” e “bravo”. Numa Seção de Petrechos, cada equipe é responsável por uma metralhadora pesada M240. O’Byrne passou dois meses na Seção de Petrechos, depois foi transferido para o 1º Grupo de Combate sob o comando do segundo-sargento Josh McDonough. Os homens chamavam-no “Sar’n Mac”, e sob sua orientação o 1º GC tornou-se um dos mais combativos da companhia, talvez de todo o batalhão. Quando seus homens não operavam direito, Mac inclinava a cabeça para frente e os fuzilava com os olhos, sem piscar, demoradamente, às vezes durante minutos; enquanto isso, berrava sem parar. “Mac era apenas a porra de um mulo”, disse O’Byrne. “Era forte à beça. Suas pernas eram da grossura da minha cabeça. Os subordinados eram sua única preocupação. Se nós, líderes de equipes, não fizéssemos nosso trabalho corretamente, ele ficava furioso — porque se preocupava conosco. Só que tinha um jeito muito rude de mostrar isso.”

M E D O

O 1º Grupo de Combate era infantaria mesmo, isto é, combatia a pé e carregava nas costas tudo que precisasse. Teoricamente, os soldados de infantaria podiam andar dias a fio sem receber reabastecimento. O'Byrne era líder da equipe alfa do 1º GC, que incluía um ex-atleta de luta greco-romana do ensino médio de Wisconsin chamado Steiner, um jovem de 18 anos da Geórgia de nome Vaughn e um sujeito esguio, musculoso, furtivo e esquisito chamado Monroe. Cada homem levava três ou quatro granadas de mão. Dois dos quatro portavam carabinas de assalto M4 e, no peito, carregadores de 30 tiros. Um terceiro carregava uma M4 que também disparava grandes e grossos rojões denominados M203. Os rojões M203 explodem no momento do impacto e são empregados contra combatentes inimigos refugiados em abrigos que não podem ser atingidos de outra forma. O quarto homem carregava algo chamado de arma automática do GC — geralmente conhecida como SAW (*squad automatic weapon*). A SAW tem uma cadência de tiro altíssima e, basicamente, vomita projéteis à menor pressão do gatilho. Quando se coloca a arma em “automático” — atirar sem parar com um único acionar do gatilho —, a cadência é de 900 tiros por minuto (e o cano derrete). A equipe alfa de O'Byrne tinha treinamento e munição suficientes para repelir uma força inimiga de efetivo três ou quatro vezes superior ao seu.

Cada pelotão possui também o Grupo de Comando formado por um paramédico, um observador avançado, um radioperador, um primeiro-sargento e um tenente com curso em escola de formação de oficiais. O 2º Pelotão teve dois tenentes na primeira metade de seu período de serviço em campanha e o último foi Steve Gillespie, maratonista alto e magro que fazia seus comandados lembrarem um personagem de cinema chamado Napoleon Dynamite. Chamavam-no Napoleão pelas costas e, de vez em quando, na sua presença mesmo, mas com afeição e respeito; Gillespie era um comandante tão dedicado que seu radioperador precisava puxá-lo continuamente para que se protegesse durante as trocas de tiros.

Os tenentes têm bom conhecimento teórico, mas não muita experiência, por isso, fazem dupla com um primeiro-sargento que, normalmente, está há anos no Exército. O primeiro-sargento do 2º Pelotão era um militar de carreira chamado Mark Patterson que, aos 30 anos, era 12 anos mais

GUERRA

velho que o homem mais jovem da fração. Os integrantes do pelotão o chamavam Pops. Patterson era ao mesmo tempo quem impunha a disciplina e quem representava o pelotão; sua função exigia que ficasse de olho não só nos praças como também nos próprios tenentes. Seu rosto se tornava vermelho vivo quando estava com raiva ou quando trabalhava muito, e era capaz de andar mais que qualquer um no pelotão. Nunca o vi ficar nervoso em combate, menos ainda amedrontado. Ele comandava seus homens como se orientasse o tráfego.

Os homens do 2º Pelotão vinham não apenas da área continental dos Estados Unidos, como também de qualquer parte onde a experiência americana se fez presente no restante do mundo: Filipinas, Guam, México, Porto Rico e Coreia do Sul. Um atirador da Seção de Petrechos chamado Jones dizia ter ganhado milhares de dólares vendendo drogas antes de ingressar no Exército para evitar ser morto nas ruas de Reno. Vaughn, soldado de O'Byrne, tinha 11 anos quando houve o 11 de Setembro e decidiu, naquele momento, se alistar no Exército americano. Fez isso logo que pôde. Danforth tinha 42 anos e se alistara no ano anterior, para fugir do tédio; os outros o chamavam de O Velho, e lhe faziam muitas perguntas sobre o Vietnã, em tom de piada. Um recruta chamado Lizama jurava que a mãe era parlamentar do Congresso Guamês. Havia um soldado chamado Moreno, de Beeville, no Texas, que trabalhara na penitenciária estadual e foi um pugilista promissor antes de alistar-se. Existia um sargento cujo pai servia no Iraque, e quase fora morto quando uma bomba explodiu na margem da estrada.

O Exército tem muitos regulamentos sobre como os soldados devem se uniformizar, mas quanto mais longe dos generais menos observados eles são, e o 2º Pelotão estava o mais longe possível de qualquer general. Com o prosseguimento do engajamento, e os combatentes empurrados cada vez mais para dentro do território inimigo, era difícil reconhecer que se tratava de soldados americanos. Usavam as calças por fora dos coturnos, amarravam amuletos no pescoço e circulavam pelos postos avançados de chinelos improvisados com espuma de embalagens de mísseis. Já perto do fim de seu tempo de serviço, combatiam usando nada além de um calção de ginástica

M E D O

e coturnos desatados, com o cigarro constantemente pendendo de seus lábios. Quando fazia muito calor, cortavam as mangas da camisa na altura das axilas e vestiam um colete à prova de bala para transpirarem menos e ainda assim parecer que estavam uniformizados. Portavam grandes facas, e durante algum tempo um sujeito participou das operações com uma pequena espada de samurai pendurada ao cinto. As pedras rasgavam as calças, transformando-as em frangalhos, e de vez em quando partes íntimas dos corpos dos combatentes ficavam mais ou menos expostas durante as patrulhas. Alguns tinham tatuada no peito, em letras maiúsculas, a palavra INFIEL. (“É assim que os inimigos se referem a nós pelo rádio”, explicou um dos homens, “e, se é assim, por que não?”) Outros exibiam tatuagens com asas de anjo brotando de balas ou bombas. Em sua maioria, os homens tinham pouco mais de 20 anos, e muitos não conheciam nada na vida além da casa dos pais e da guerra.

Os mortos e feridos eram substituídos por “cerejas”, e se os mais antigos ficavam entediados por não terem nada para fazer às vezes estimulavam os cerejas a brigarem entre si. Eles haviam sido treinados no combate corpo a corpo, e todos sabiam como estrangular alguém; quando se faz bem-feito, com o antebraço pressionando a carótida, o outro perde a consciência em segundos. (Morre em poucos minutos, se a pressão não for aliviada.) Estrangular os outros era considerado um belo esporte, por isso os soldados sempre se encostavam a qualquer coisa a fim de que ninguém chegasse sorrateiramente por trás. Atacar alguém era arriscado, porque quase todos os integrantes tinham vínculos com associações, que podiam ir se decompondo do pelotão, passando pelo grupo de combate e finalmente à equipe ou esquadra. Se um membro de GC fosse atacado por mais de um sujeito, era de se esperar que seus colegas de grupo, por uma questão de honra, o ajudassem; passados poucos segundos, já existiam de dez a quinze camaradas se engalfinhando e rolando pelo chão.

O atirador de M203 da equipe de O’Byrne, Steiner, certa vez foi esfaqueado quando tentava ajudar o sargento Mac, seu líder de Grupo de Combate, acuado num canto com uma faca de combate e sendo surrado por um grupo de sujeitos. No 2º Pelotão, todo mundo apanhava no dia do ani-

GUERRA

versário, antes de deixar o pelotão — de licença, digamos — e apanhava de novo quando voltava. O único jeito de sair do 2º Pelotão sem apanhar era ser baleado. Nenhum outro pelotão agia dessa maneira; os homens deram a isso o nome de “*blood in, blood out*”, referência a um filme a que um deles tinha assistido. E os oficiais não estavam isentos; vi Gillespie ser agarrado, jogado ao chão e surrado, e Pops foi esmurrado com tal violência que suas pernas ficaram machucadas durante dias. A violência assumia várias formas e podia irromper a qualquer momento. Depois de uma semana particularmente sossegada — em outras palavras, sem trocas de tiros —, a tensão ficou tão insuportável que o 1º Grupo de Combate acabou partindo a pedradas para cima da Seção de Petrechos. A briga de pedras que se seguiu foi tão pesada que me protegi atrás das árvores.

Depois dessas disputas, os homens acabavam sangrando, ficavam excitados, mas nunca zangados; as lutas nasciam do tédio, não do conflito, de modo que jamais descambavam para a violência real. Os oficiais ficavam fora dessas brigas coletivas, e havia até dois militares que tinham a mistura certa de frieza e calma para não se envolverem com a violência. Um deles era o sargento Buno, que comandava o 3º Grupo de Combate e tinha tatuagens de motivos astecas nos braços e uma tatuagem de escorpião que lhe aparecia subindo pela perna através das calças rasgadas. Buno quase nunca falava, e havia em seu belo rosto uma expressão impassível que podia ser interpretada das mais diversas formas. Os homens suspeitavam que fosse filipino, mas ele jamais admitia coisa alguma; apenas andava de um lado para outro, ouvindo seu iPod, murmurando coisas estranhas e enigmáticas. Foi apelidado de Queequeg. Movia-se com a precisão cuidadosa de um dançarino ou de um lutador de artes marciais, e era assim quer estivesse em combate ou escovando os dentes. Certa vez alguém lhe perguntou onde estivera na noite anterior.

“Em Babiyal”, respondeu ele, “matando lobisomens.”